

OPINIAO PÚBLICA



Revisitar Abril em Riba de Ave

Leisa Alvim ❖ Júlio Sá ❖ Anquises Carvalho ❖ Maternidade ❖

SUPLEMENTO INTEGRAL
OPINIAO PÚBLICA, N.º 311 DE 27/04/75 - MAC

Riba de Ave entre **ABRIL** e **MAIO**

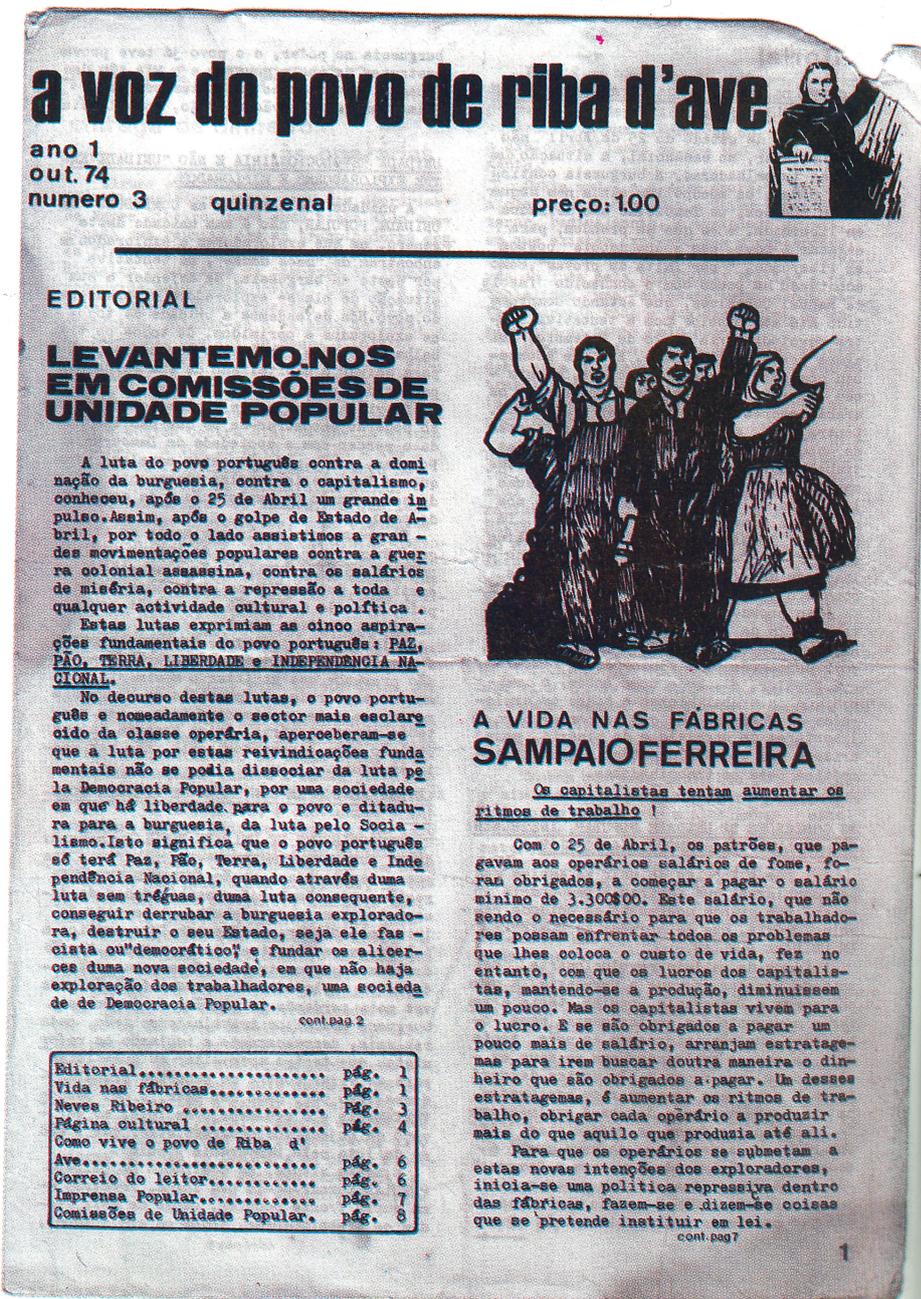


Texto: Manuel Cunha

memórias de um abril vivo

Passaram-se já vinte e quatro anos sobre o "25 de Abril". A evocação do passado não pode levar a que deixemos de nos interrogar sobre questões essenciais do nosso presente, tendo em mente o futuro. Que fizemos nós destes vinte e quatro anos que decorreram sobre o 25 de Abril de 1974? Estamos melhor do que estávamos? Dos ideais de Abril, quantos foram cumpridos, quantos ficaram pelo caminho, quantos foram subvertidos? Fazendo da transformação e modernidade da sociedade grandes desafios da revolução, que respostas demos? Construímos uma sociedade mais justa e humana, e reduzimos significativamente a miséria e a exclusão? E já não somos o país atrasado que éramos a nível da Europa? Reforçámos a nossa identidade e a nossa cultura? E que contribuição significativa demos para a paz e o entendimento entre os povos, para a aceitação das diferenças e a redução das desigualdades à escala mundial? Estas algumas interrogações que, vinte e quatro anos depois do derrube do fascismo e da ditadura, nos suscita a comemoração da Revolução de Abril.

Como disse o Prof. Boaventura de Sousa Santos, as sociedades nunca comemoram o passado. Comemoraram o presente enquanto futuro do que de importante aconteceu no passado. É assim também hoje com as comemorações do 25 de Abril, que comemoramos pelo modo como vemos a sociedade portuguesa, neste ponto do futuro que ali começou. E visto daqui, ainda como afirmou Boaventura Santos, "o 25 de Abril desdobra-se em duas promessas ou exigências principais e que por estarem ainda longe de cumpridas devem ser comemoradas como encargos que nos honra manter: a promessa e a exigência de democracia; a promessa e a exigência de



a voz do povo de riba d'ave

ano 1
out. 74
numero 3 quinzenal preço: 1.00

EDITORIAL

LEVANTEMOS-NOS EM COMISSÕES DE UNIDADE POPULAR

A luta do povo português contra a dominação da burguesia, contra o capitalismo, conheceu, após o 25 de Abril um grande impulso. Assim, após o golpe de Estado de Abril, por todo o lado assistimos a grandes movimentações populares contra a guerra colonial assassina, contra os salários de miséria, contra a repressão a toda e qualquer actividade cultural e política.

Estas lutas exprimiam as cinco aspirações fundamentais do povo português: PAZ, PÃO, TERRA, LIBERDADE e INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

No decurso destas lutas, o povo português e nomeadamente o sector mais esclarecido da classe operária, aperceberam-se que a luta por estas reivindicações fundamentais não se podia dissociar da luta pela Democracia Popular, por uma sociedade em que há liberdade para o povo e ditadura para a burguesia, da luta pelo Socialismo. Isto significa que o povo português só terá Paz, Pão, Terra, Liberdade e Independência Nacional, quando através duma luta sem tréguas, duma luta consequente, conseguir derrubar a burguesia exploradora, destruir o seu Estado, seja ele fascista ou 'democrático' e fundar os alicerces duma nova sociedade, em que não haja exploração dos trabalhadores, uma sociedade de Democracia Popular.

cont. pag. 2

Editorial.....	pág. 1
Vida nas fábricas.....	pág. 1
Neves Ribeiro.....	pág. 3
Página cultural.....	pág. 4
Como vive o povo de Riba d' Ave.....	pág. 6
Correio do leitor.....	pág. 6
Imprensa Popular.....	pág. 7
Comissões de Unidade Popular.....	pág. 8



A VIDA NAS FÁBRICAS SAMPAIO FERREIRA

Os capitalistas tentam aumentar os ritmos de trabalho!

Com o 25 de Abril, os patrões, que pagavam aos operários salários de fome, foram obrigados, a começar a pagar o salário mínimo de 3.300\$00. Este salário, que não sendo o necessário para que os trabalhadores possam enfrentar todos os problemas que lhes coloca o custo de vida, fez no entanto, com que os lucros dos capitalistas, mantendo-se a produção, diminuíssem um pouco. Mas os capitalistas vivem para o lucro. E se são obrigados a pagar um pouco mais de salário, arranjam estratégias para irem buscar doutra maneira o dinheiro que são obrigados a pagar. Um desses estratégias, é aumentar os ritmos de trabalho, obrigar cada operário a produzir mais do que aquilo que produzia até ali.

Para que os operários se submetam a estas novas intenções dos exploradores, inicia-se uma política repressiva dentro das fábricas, fazem-se e dizem-se coisas que se pretende instituir em lei.

cont. pag. 7

uma verdadeira solidariedade". E sendo assim, comemorar o 25 de Abril é realizar o que de Abril está ainda por cumprir. "...Organizei em Riba de Ave o sector operário têxtil do meu partido", é uma afirmação de

Pacheco Pereira referida na revista "Visão", de 15 de Janeiro. Não nos interessa analisar a actividade de Pacheco Pereira nas lides políticas daquela época em Riba de Ave, actividade que, aliás, nos passou bem ao perto, bem

como a de outros jovens universitários daquele tempo e que são hoje "figuras políticas nacionais". Somente nos servimos desta sua recente declaração para realçar, também por esta forma, o património riquíssimo que representa a luta anti-fascista em Riba de Ave, verdadeiramente uma referência no distrito e no concelho de Vila Nova de Famalicão. Mas seja contudo afirmado, em obediência ao rigor histórico, que tal património é resultante, principalmente, da luta dos elementos ligados ao PCP, que estiveram à frente das principais acções de combate e protesto dessa altura, ainda que justamente se reconheça ter havido também pessoas comprometidas com outras correntes políticas envolvidas nessas movimentações. São fonte indispensável ao estudo e conhecimento das lutas travadas no concelho contra a ditadura do Estado Novo, os vários trabalhos publicados no âmbito das II Jornadas de História Local, promovidas pela Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco (1992) e o estudo do Dr. Joaquim Loureiro, publicado nesta revista, em 16 de Janeiro passado. Infelizmente, porém, muito da história das lutas operárias da região não foi ainda recolhida e corre o risco de perder-se se não houver um levantamento minucioso, que salve do perecimento os escritos dispersos e a memória oral. O "25 de Abril" não foi um acontecimento inesperado. O regime agonizava. Eram muitas as pessoas que nessa altura participavam vivamente na oposição democrática do distrito de Braga e algumas na actividade política clandestina. Havia já fortes indícios de que estava eminente a rotura por parte de sectores militares, com a exigência fundamental da democracia política e com tudo o que isso implicava: restauração das liberdades, afirmação dos direitos políticos e civis, descolonização e alargamento dos direitos fundamentais à área do económico e do social. De facto, os homens e as mulheres de Riba de Ave que então participavam nessas lutas, principalmente através da CDE, estavam preparados para as exigências das novas tarefas de organização no plano político e sindical e de mobilização de apoio popular ao movimento dos capitães. Começaram a agir, portanto, no

próprio dia da revolução. Substituída de imediato a direcção do Sindicato Têxtil (o maior sindicato do distrito de Braga), os preparativos para o 1.º de Maio ocuparam as suas atenções. A jornada do 1.º de Maio foi transformada na maior manifestação popular jamais vista no concelho de Vila Nova de Famalicão. A partir dela foram as tarefas de organização sindical nas empresas, a agitação política e o enfrentar dos problemas de gestão em muitas fábricas, abandonadas pelos patrões. Foi, mais tarde, a destituição da Junta de Freguesia e a eleição de uma Comissão Administrativa, através de um plenário da população largamente concorrido e participado, que preencheram a agenda política, vivida então em clima de grande exaltação. Seguiu-se a constituição de comissões de moradores e outras organizações, que encaminhadas para a defesa do apartidarismo, se entregaram com entusiasmo a uma experiência muito rica de participação das populações. Como iniciativas dignas de registo nessa altura, citamos a abertura revolucionária da hoje denominada Rua da Liberdade, a formação de uma comissão instaladora do infantário e a conferência nacional dos têxteis, que trouxe a Riba de Ave um elevado número de técnicos do sector e economistas e que congregou a participação viva de um largo número de trabalhadores. Mas outros factos ficaram a assinalar o tempo que se seguiu à revolução, envolvendo muitos homens, mulheres e jovens. As lutas nas empresas pela defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores, criaram ao tempo um terreno propício ao avanço da consciencialização política dos operários. Foi um tempo de homens sem sono, como alguém lhe chamou, tantos e tão variados eram os problemas e situações a que havia de acudir, que o tempo se esgotava. Os depoimentos inseridos neste trabalho dão conta de diversas intervenções e são o melhor relato da participação de muitos elementos, principalmente trabalhadores, fundidos com esse tempo de esperança e de alegria. Disse Baptista Bastos que todos os

O POVO DE RIBA'DAVE

Unido Vai Construir o Infantário

O povo de Riba d'Ave trava hoje uma grande batalha, que consiste em:

Organizar-se para resolver os seus mais sentidos problemas, porque sabe que só com a sua vontade e o seu esforço colectivo os poderá resolver. Por esse motivo se procura organizar através de comissões de trabalhadores nas fábricas, comissões de moradores nos lugares onde vive e em outros órgãos de poder popular.

Trabalhadores, Povo de Riba d'Ave em Geral

Está formada uma comissão instaladora para o infantário a construir em Riba d'Ave, a qual é constituída por comissões de trabalhadores, comissões de moradores, Sindicato Têxtil de Delães, Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, Conselho Escolar e Colectividades.

A formação desta comissão instaladora é feita com base nos orgãos do poder popular. Por isso ele vai ter o apoio do povo trabalhador, para fazer face às dificuldades existentes, sobretudo financeiras. Não vai construir-se de uma só vez um INFANTÁRIO com todos os requisitos necessários, mas ele irá construir-se pouco a pouco, de acordo com o dinheiro que se possa angariar e da ajuda que a população de certeza vai dispensar.

A luta do povo trabalhador é a luta por condições de vida mínimas a que tem direito, porque é ele que produz toda a riqueza. E é porque a sua luta é inequivocamente justa, que o povo vencerá.

Em frente com o Infantário!

Unidos e organizados, venceremos!

A Comissão Instaladora

Tip. Central Soares, Lda - 3499 av. - 11-73

empreendimentos do homem possuem, sempre, algo de inacabado. Que os sonhos não se cumprem - sonham-se!

Venha você daí até ao Abril de todos nós. Venha daí cumprir Abril, cumprindo-o no gesto, na firmeza, no orgulho de estarmos intactos e íntegros.

Tendo já feito vários artigos sobre o tema do "25 de Abril" em Riba de Ave, e de forma mais exaustiva o "testemunho" que escrevi para as II Jornadas de História Local, atrás referidas, este meu trabalho terá uma metodologia diferente, por entender também que se justifica ouvir de viva voz a palavra de outros protagonistas, que têm testemunhos do antes e depois 25 de Abril que enriquecem a memória colectiva das lutas locais. Passo-lhes, pois, a palavra, para responderem sucintamente a duas perguntas: a) - que facto interessante da sua actuação política antes do 25 de Abril lhe merece hoje uma referência; b) - como sentiu o dia da revolução há vinte e quatro anos?

É que ainda que continuemos a enfrentar injustiças; que não se tenha encurtado a distância entre ricos e pobres; que pululem o desemprego e as formas de trabalho precário; que a sociedade não seja solidária e que a droga constitua um novo flagelo, o 25 de Abril abriu Portugal a mudanças significativas, que o povo português saberá aprofundar e defender.

fotodocumento

A LUTA POLÍTICA

As datas de 5 de Outubro e 31 de Janeiro, ao longo dos anos do fascismo, eram oportunidades (nem sempre autorizadas pelo governo de Salazar e Marcelo Caetano) para manifestações da oposição à ditadura. No distrito, realizaram-se vários jantares, sempre largamente concorridos, em que a pretexto das comemorações desses eventos era duramente criticada a política do Estado Novo. Normalmente compareciam agentes da PIDE/DGS, que registavam as intervenções e as presenças, numa atitude ao mesmo tempo intimidatória, que nunca resultou.

Fotos de alguns desses jantares, em que se reconhecem várias pessoas de Riba de Ave, umas ainda vivas, outras infelizmente já desaparecidas.



EXPÁGUA
FUROS ARTESIANOS, LDA

• ESTUDOS • SONDAJENS • CAPTAÇÕES
• ANÁLISES E TRATAMENTOS

É era uma vez uma seca!

SEDE: Corga - Fradelos - 4760 Vila Nova de Famalicão
Telefone: 052/48049 - 48347 • Fax: 052/48049

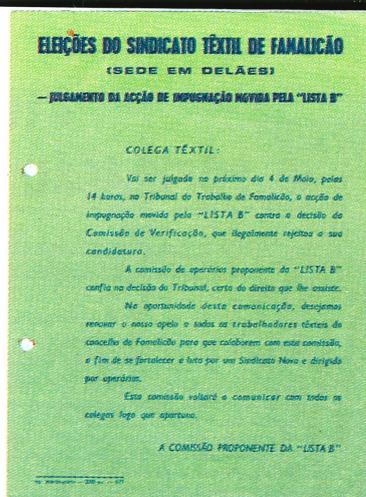
FILIAL: Cooperativa Agrícola de Ponte de Lima
4990 Ponte de Lima - Telefone: 058/743207

A
Em 19
operá
comis
tação
eleição
iniciat
afront
patron
regime
sindica
trabalh
classe
quer d
patrão
primei
propon
distrib
jogos
campo

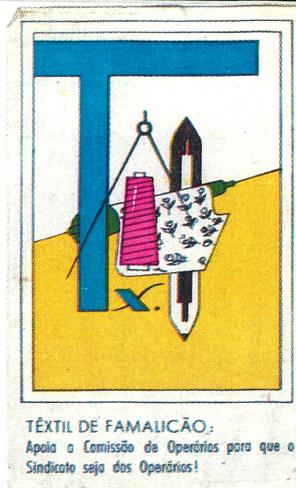
A apre
oposiçã
de Esc
mais p
distrito
sindica
largas
Essa li
na bas
empres
uma es

A LUTA SINDICAL

Em 1971, um numeroso grupo de operários têxteis constituiu-se em comissão proponente para apresentação de uma lista de oposição às eleições do Sindicato Têxtil. Foi uma iniciativa corajosa, pois tratou-se de afrontar não só o fascismo como um patronato com fortes ligações ao regime, nada disposto a aceitar um sindicato dirigido pelos próprios trabalhadores. A mobilização da classe para as eleições apavorou quer o governo, quer os grandes patrões têxteis. Registe-se que as primeiras informações da comissão proponente foram largamente distribuídas nas empresas e durante jogos de futebol realizados nos campos dos clubes do concelho,



principalmente no "Rioplele" e "Famalicão". Tendo visto falhar todas as intimidações, o regime decidiu-se pela impugnação arbitrária da lista dos operários, impedindo dessa forma que eles disputassem as



eleições. Merece atenção o facto de já nessa altura ser reivindicação dos operários a semana de 40 horas. São reproduções de documentos dessas eleições que damos à estampa.



Na foto, os elementos que integraram a referida lista democrática.

A apresentação de uma lista de oposição às eleições do Sindicato de Escritórios do Distrito de Braga (o mais poderoso sindicato na área do distrito) no ano de 1968, foi uma luta sindical que mobilizou activamente largas centenas de profissionais. Essa lista, formada principalmente na base de quadros superiores de empresas de todo o distrito, infligiu uma estrondosa derrota à lista

situacionista, que abalou o sistema em Braga. Digna de registo foi a firmeza assumida pelos componentes da lista de oposição, que resistiu a todas as pressões para não concorrer às eleições e depois destas realizadas, para se fundir com a lista situacionista vencida. Registe-se também o facto dela só tomar posse cerca de ano e meio após o acto eleitoral, devido a

dificuldades criadas pelo delegado do Instituto Nacional do Trabalho. Tais atitudes do representante do governo originou a convocação de uma reunião plenária dos empregados de escritório de todo o distrito, que resultou num encontro de milhares de profissionais em Braga, que a PIDE foi impotente para impedir.

NAS AUTARQUIAS

Após a destituição da Junta de Freguesia ao 25 de Abril - Junta "eleita" em 1971 num processo em que não foi permitida a candidatura de uma lista oposicionista - a Comissão Administrativa que a substituiu homenageou o Eng. Pinheiro Braga, presidente da Comissão Administrativa da Câmara de Vila Nova de Famalicão, "em sinal de gratidão pelo carinho que sempre e desde há vários anos, o homenageado dedicou aos problemas de Riba de Ave". Pinheiro Braga tinha confirmado o seu apreço pela nossa terra, apoiando iniciativas da comissão de moradores de S. Roque e intervindo na resolução do problema levantado com a Igreja devido à abertura por acção popular da rua da Liberdade. Também a ele se ficou a dever a legalização do prédio ocupado por outra acção popular, ali instalando o Gabinete Técnico do Vale do Ave. Na foto, a cerimónia da colocação da placa no átrio da sede da Junta de Freguesia. Refira-se que esta placa foi posteriormente retirada, numa atitude grosseira e anti-democrática, não tendo sido ainda recolocada.

À POPULAÇÃO DE RIBA DE AVE

Quando para atacar o 25 de Abril se atacam democratas íntegros, antifascistas consequentes

Sobre a decisão antidemocrática e ilegal da Junta de Freguesia de Riba de Ave de retirar da sede uma placa de homenagem ao Eng. Pinheiro Braga.

20/9/78

A posição dos membros da LUP (Lista Unitária Progressista), que obteve o segundo lugar nas eleições das autarquias e detém um terço dos lugares da Assembleia de Freguesia, é relativamente à escuridão da Junta de Freguesia de Riba de Ave (onde não está representada) e como muitas vezes tem afirmado, a de apurar todos os actos da Junta que contribuam para a defesa e consolidação da Democracia e que correspondam aos verdadeiros interesses e aspirações populares, em vista de resolver os problemas e carências da população de Riba de Ave, e é de criticar e denunciar todos os actos e atitudes da Junta que não correspondam a esses objectivos.

Infelizmente, têm sido muito mais negativas do que positivas as posições assumidas pela Junta de Freguesia no decorrer do seu exercício.

Em matéria de resolução dos problemas locais, a postura que se tem tentado lançar aos olhos do povo e o muito barulho que se tem feito, não chega para esconder o desinteresse, o desprezo e o desleixo a que têm sido votados grandes e pequenos problemas que afectam o povo de Riba de Ave:

— Continua o boicote ao Infantário. Voltou-se, neste verão e não abriu as suas instalações às crianças nos fins de semana. A Junta de Freguesia atenta até contra a opinião expressa pelo ex-Ministro Arnaut, aquando da sua recente visita a Riba de Ave.

— Continua o desprezo absoluto pela Cooperativa de Habitação Económica "Unidos para um Lar" - um grande projecto colectivo para a solução de um grave problema de Riba de Ave.

— Continua o desleixo pela canalização da água para um aglomerado de casas no lugar de Agros - aprovada pela Câmara, por iniciativa e proposta da comissão de moradores da zona.

— Aplica-se, com toda a velocidade as portadas e leis que vêm agravar as condições de vida do povo, como é o caso da electricidade. São conhecidas as posições de outros órgãos de autarquias locais (como a Câmara do Porto entre outros) que denunciaram à população os aumentos impostos, recusando-se, até, a aplicá-los, e praticar tais aumentos. Ao contrário, a Junta de Freguesia de Riba de Ave correu a galope a aplicar a Portaria. Dir-se-ia que a Junta se deleita a ver o povo a apertar o cinto cada vez mais.

No plano da ligação à população e do incentivo da sua participação na discussão e resolução dos problemas, condições indispensáveis a uma acção autárquica democrática e constitucional, a Junta de Freguesia de Riba de Ave não só mantém como acentua a preocupação de manter a população "à distância".

— As reuniões públicas mensais, exigidas por lei, continuam a realizar-se muito esporadicamente. Que ridículo é o argumento de que nem sempre a Junta tem coisas a dizer ao povo como se o povo não tivesse boca para falar e proximamente a levantar e a querer ver ser discutidos!!!

— Continua a animosidade em relação às comissões de moradores. De que má fé estão imbuídas as declarações do presidente da Junta a um jornal regional segundo as quais a Junta nem dá pela sua existência!!!

No tocante à defesa da democracia, dos ideais do 25 de Abril, a Junta balança entre as pressões populares que a empurram para atitudes e iniciativas de cariz democrático (como é o caso das últimas comemorações do 25 de Abril) e as pressões dos cadiques reaccionários, saudosos do passado, que a levam a assumir posições antidemocráticas, deixando-se, contudo, conduzir mais por estes do que pelas que traduzem a vontade do povo.

Na cedência aos cadiques reaccionários está o caso do não cumprimento de uma deliberação da Assembleia de Freguesia que apontava para a recolocação das placas topográficas que mãos sabujas de fascistas destruíram pela cidade da noite e que consagravam nomes e factos intimamente ligados à luta

COOPRAVE

Cooperativa de Consumo

RIBA DE AVE

Sobre a importância do Fundo de Responsabilização no Desenvolvimento da Cooperativa

JULHO
1971

A COOPERATIVA DE CONSUMO

Os últimos anos da ditadura registaram uma acentuada debilidade do regime, tornando-se manifesta a crescente existência de grupos e iniciativas, que utilizando apelativos sócio-culturais, reproduziam nas suas actividades situações de afrontamento do sistema, que se iam tornando incontroláveis. A "Cooprave", cooperativa de consumo de Riba de Ave, foi uma dessas iniciativas. Com o pretexto da sua actividade, organizaram-se colóquios, debates e actividades de

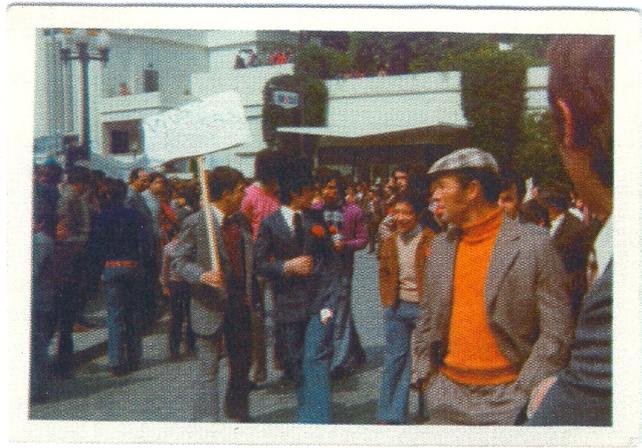
natureza cultural, que as autoridades do regime tiveram dificuldades em reprimir. A mais destacada foi um espectáculo com o Zeca Afonso e Rui Pato, que levou a PIDE a cercar Riba de Ave com um despropositado destacamento de GNR's, que tendo impedido a realização do espectáculo, resultou no aumento do descrédito do regime perante sectores intermédios da população. Capa do primeiro "caderno" de textos editados pela cooperativa (17 de Julho de 1971)



O 1º DE MAIO DE 1974

A comemoração do 1º. de Maio de 1974, conforme já referimos, foi a maior manifestação de massas jamais vista no concelho de Vila Nova de Famalicão. Foram dezenas de milhares de trabalhadores que responderam à convocação dos Sindicatos e que depois de se terem concentrado no Largo junto aos Bombeiros e nas ruas de acesso àquele local, se dirigiram até ao Sindicato Têxtil, num desfile de mais de dois quilómetros que chegou a Delães ainda não tinha acabado de sair de Riba de Ave.

As fotos dão conta dessa grandiosa jornada, que representou o mais poderoso apoio popular prestado no concelho ao Movimento das Forças Armadas.



A SOLIDARIEDADE



1774 /MT/74
Proc.º MF/6.1

Aos
Reformados da freguesia de Riba de Ave
Sindicato N. Op. Textil do Distrito de Braga
(Secção de Família)

DELEGADOS

Sua Excelência o Ministro do Trabalho encarrega-me de acusar a recepção e agradecer o vosso donativo de Esc. 16 000000 (dezanove mil escudos) o qual traduz apoio e confiança à política de defesa dos interesses de todos os trabalhadores em que este departamento se encontra empenhado.

Com os melhores cumprimentos.

Lisboa, 13. JUN 1975

O CHEFE DO GABINETE,

João Amaral

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Braga COMUNICADO

JORNADA POPULAR DE TRABALHO

O Primeiro-Ministro, Brigadeiro Vasco Gonçalves, no caloroso discurso que dirigiu ao País no passado dia 29 de Setembro sugeriu a realização de uma jornada voluntária de trabalho no próximo domingo, 6 do corrente, como forma de os mesmos trabalhadores manifestarem o seu regozijo pela vitória das forças democráticas sobre a reacção no passado fim-de-semana.

Também registou uma adesão geral dos trabalhadores à iniciativa; em consequência está a organização sindical a ser solicitada para o esclarecimento dos temas de concretizar a JORNADA. O secretariado do U. S. B. reuniu em 2 de Outubro, tem a comunicar o seguinte:

1. - A U. S. B. e os sindicatos filiados apelam todos os iniciativas tendentes a dar uma resposta positiva ao apelo do Primeiro-Ministro.

2. - Ao dar o seu adesão à iniciativa, a U. S. B. tem em consideração, principalmente, o alto significado político do apelo feito e o apelo que merece dos massas trabalhadores portugueses o M. F. A. e o Governo Provisório.

3. - A U. S. B. tem igualmente em consideração o alto significado político da JORNADA, que põe em destaque a importância dos massas trabalhadores portugueses e de sua actividade quotidiana para a vitória sobre a reacção e o progresso do país.

4. - A U. S. B. tem consciência de que a realização de uma verdadeira Jornada Popular de Trabalho supõe uma alta capacidade de organização das massas trabalhadores, a sua completa disponibilidade sobre os meios de produção e, ainda, o tempo bastante para a sua preparação, condições que não se encontram preenchidas no nosso sociedade.

5. - Apesar disso, a U. S. B. considera possível contribuir para a preparação da JORNADA com base nos seguintes princípios:

5.1 - A adesão à jornada é eminentemente voluntária e a sua iniciativa deve pertencer aos trabalhadores.

5.2 - No caso dos trabalhadores assalariados de empresas privadas, a jornada se se concretizar pelo desempenho habitual deve ser encarada como um dia normal de trabalho, dando pelo lugar à retribuição diária normal.

5.3 - Embora os trabalhadores possam, naturalmente, sugerir as pertinentes aplicações concretas de mais-valia produzida na Jornada, pertencem aos patrões a decisão - a exemplo do que acontece no dia a dia do capitalismo.

5.4 - A fim de que a Jornada seja o mais útil possível de um ponto de vista social sugere-se as seguintes ocupações:

a) Sector da produção (Mineiros, operários fabric, operários da construção civil, trabalhadores rurais, etc.)

b) Serviços de Escritório, Contadores, Bancários, Meteoristas, Delegados de Higiene Médica, etc. Deve ser avaliada a situação caso a caso, de modo a que a ocupação de tempo não resulte socialmente inútil. Assim, o empacotamento de País.

b) Sector de Serviços (Empregados de Escritório, Contadores, Bancários, Meteoristas, Delegados de Higiene Médica, etc.) Deve ser avaliada a situação caso a caso, de modo a que a ocupação de tempo não resulte socialmente inútil. Assim, o empacotamento de País.

b.1 - Serviços de que dependem directamente a produção (Transporte de passageiros, fornecimento de água e energia, abastecimento de matérias primas, restaurantes, cantinas e cozinhas, etc.)

b.2 - Serviços de que não dependem directamente a produção (Turismo, esportivos não ligados à produção, bancos, comércio, repartições públicas, seguros, etc.)

b.3 - Serviços directamente relacionados com as necessidades humanas - (Saúde, Educação, Desporto, etc.)

A realização de cada uma das deve corresponder, em princípio, ao que é normal nos dias úteis. Assim, os serviços de saúde poderão funcionar, sendo como assistência (que não está programada) para a limpeza, verificação de stocks, actualização de ficheiros, planificação de serviços, a educação e as diversões devem ajustar-se às condições concretas nos dias úteis, a fim de possibilitar o trabalho produtivo e a produção de riqueza.

c) - Trabalhos públicos gratuitos (A maior parte dos serviços existem em função da produção e dependem dela - não são em si mesmos produtivos, mas são socialmente úteis quando são necessários para que os bens possam servir à satisfação das necessidades humanas. Assim, a execução de uma JORNADA voluntária nos serviços públicos correspondem, em muitos casos, a um trabalho inútil de um ponto de vista social.)

Nestas circunstâncias, sugere-se que, neste caso, os trabalhadores transfiram a sua actividade para trabalhos de utilidade pública a executar gratuitamente, nomeadamente: na limpeza das ruas, na limpeza dos jardins, na conservação de florestas, na desinfectação de valas, na demarcação das bermas das estradas, na limpeza de monumentos públicos, etc. Para a realização destes trabalhos deve ser solicitada o apoio dos sindicatos, das autarquias locais (Junta de freguesia, Câmaras Municipais) e dos serviços públicos.

6. - A U. S. B. apela a todos os trabalhadores para não declinarem a qualquer provocação patronal. Para as iniciativas dos trabalhadores na realização da JORNADA aqueles que se lhes apenham submeter-se a disciplina e claramente contra o Povo e o Democracia.

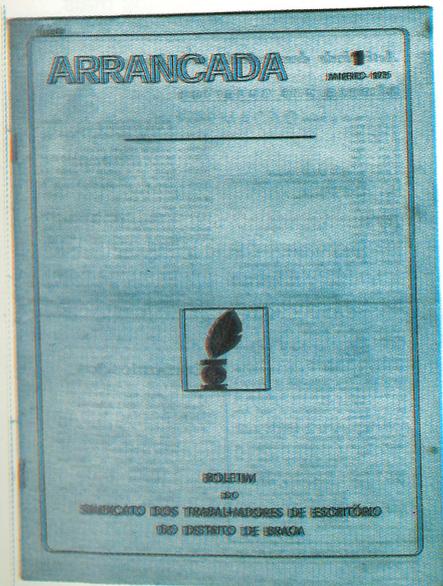
Não se constituiu, não por estas breves ou irreflexas, mas antes pelo apoio unido e organizado das massas populares, na situação de forças Democráticas com o MFA no Cumprimento do seu Programa.

Que esta jornada de trabalho represente o apoio dos trabalhadores ao MFA, ao Governo Provisório e ao Presidente da República pela constituição da Democracia em Portugal.

BRAGA, 6 de Outubro de 1974

O Governo de Vasco Gonçalves apelou à realização de uma jornada voluntária de trabalho, para apoiar a economia portuguesa e como forma de os trabalhadores se associarem ao desenvolvimento do processo democrático. A iniciativa recebeu uma grande adesão por parte dos vários sectores de trabalhadores. As reproduções são de um comunicado do Sindicato dos Escritórios do Distrito de Braga e do Ofício do Ministério do Trabalho a acusar a recepção da quantia remetida pelos reformados de Riba de Ave

AS PUBLICAÇÕES DE BASE POPULAR E OS BOLETINS SINDICAIS



A seguir ao 25 de Abril, várias publicações vieram a público, enriquecendo a imprensa sindical e operária.

As capas reproduzidas são do "Arrancada", boletim do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Braga e de "A Voz do povo de Riba d'Ave", da Comissão de Unidade Popular de Riba d'Ave, formada em 19 de Outubro de 1974.

**Rádio
DIGITAL**

105 fm

Palavras para quê?

Depoimentos

JOSÉ JOAQUIM TEIXEIRA DA COSTA

Nasci na época da grande recessão capitalista, no final dos anos 20. Muito cedo tive de trabalhar, para ajudar a economia familiar, que era, como a de todos os trabalhadores, muito paupérrima. Lembro-me da Guerra Civil Espanhola, da 2ª Grande Guerra Mundial, dos anos de fome que o povo passou. Natural de uma freguesia pobre de Trás-os-Montes, terra de castanha, azeite e batata e depois também de volfrâmio, que uma empresa alemã explorava, vim para Riba de Ave com cerca de 14 anos, na mira do trabalho têxtil que esta terra então oferecia. Pouco mudou na minha existência de operário e vivi sempre com as dificuldades de quase todos eles. Eram tempos de fascismo e grande exploração dos trabalhadores e mal se ganhava para comer. A minha riqueza foi a consciencialização política que fui adquirindo, no contacto com a vida e outros companheiros. Convidado a fazer um pequeno testemunho sobre como senti o 25 de Abril e da minha intervenção anterior nas lutas democráticas, faço-o com dois ou três apontamentos. Do tempo que precedeu a revolução, que não nasceu por gestação espontânea, pois representou o culminar de muitas lutas e grandes sacrifícios por parte do povo português, principalmente dos trabalhadores, direi que me liguei de bastante novo às lutas democráticas e operárias contra o fascismo, tendo participado em todas as campanhas eleitorais do tempo de Salazar, que eram farsas que o regime se via obrigado a encenar. Em 1958 foi mais intenso o trabalho político, com a campanha do General Humberto Delgado, que galvanizou o país. A seguir às eleições, uma vaga de repressão varreu o distrito. Muitos democratas foram obrigados a abandonar as suas casas e muitos que o não fizeram foram detidos

pela PIDE. Eu fui despedido da fábrica "Sampaio Ferreira" onde trabalhava. Valeu-me na altura a solidariedade de muitos companheiros e a consciência que então já tinha de que "é assim que se tempera o aço". Voltei à fábrica, muito tempo depois. Foi crescendo a minha participação nas actividades políticas e sindicais, que o período de Caetano veio permitir que aumentassem. Em 1969, com outros operários, apresentámos uma lista concorrente às eleições do Sindicato Têxtil, lista impugnada pelos situacionistas e impedida de concorrer ao acto eleitoral, tendo sido apresentado recurso, confiado ao Dr. Joaquim Loureiro. Não houve resultados práticos, porque o recurso só veio a ser julgado em 1971, quando outras eleições sindicais, a que também concorremos, se iam realizar. Deverei dizer que essas eleições sindicais marcaram a vida política no concelho, pois permitiram mobilizar para acções futuras centenas de trabalhadores. Em 1973 filiei-me no Partido Comunista Português e toda a minha actividade, a partir desse ano, obedeceu às orientações do partido, as quais me eram transmitidas através de um camarada clandestino. Foram-me então conferidas tarefas a nível do Partido, como a distribuição do "Avante" clandestino e outros materiais e ao mesmo tempo participava do trabalho mais aberto da oposição democrática. Quando se deu o 25 de Abril, encontrava-me portanto envolvido nas muitas actividades políticas das forças democráticas e clandestinas do PCP. Após o dia da revolução, logo tivemos orientações no sentido de reforçarmos o trabalho de organização e de massas. No dia 27 de Abril fui indicado para discursar na manifestação de apoio aos militares, realizada em Vila Nova de Famalicão, frente à Câmara Municipal. Usei da palavra a seguir a outros oradores, de que destaco o

Dr. Lino Lima. Fui em nome dos trabalhadores do concelho, para afirmar que eles esperavam da revolução a eliminação das grandes injustiças de que eram vítimas e que só assim estariam de corpo e alma ao lado dos militares. Depois, foi a grande jornada do 1º. de Maio de 1974, inapagável manifestação da força dos trabalhadores, só possível porque unidos em torno dos seus interesses e direitos. Estes, os apontamentos que quero deixar nesta reportagem, dos muitos factos a que está associada a minha vida com meio século de participação nas lutas dos trabalhadores. Infelizmente reconheço já ser tarde para relatar muitas das facetas da minha vida. Neste aniversário do 25 de Abril, recordo muitos companheiros que comigo viveram os dias das lutas contra o fascismo e a opressão e recusaram a condição de vencidos, mesmo nos momentos mais duros e penosos da resistência e do combate. Como disse nas suas "Memórias" o sindicalista José Silva, "não quero morrer sem que o espírito dos nossos ideais se firme definitivamente no nosso País e, com as suas luzes, o ajude a construir um futuro mais livre, mais próspero e mais justo, que faça esquecer os anos de servidão".
Na foto: o prestigiado militante operário José Joaquim Teixeira da Costa, usando da palavra, em nome dos trabalhadores, aquando da inauguração do obelisco de homenagem aos operários têxteis, promovida pela Junta de Freguesia de Riba de Ave e Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, no dia 25 de Abril de 1997.



TARCO
ALVE

Da mir
de Abr
te o fa
lista de
Sindica
operá
conce
porque
grande
afronta
grande
ainda,
dos op
uma a
explor
trabalh
mento
estava
Recor
um co
va já
salári
sema
Recor
foi im
o que
trabal
facto
regim
falhas
enorr
como
noss
regim
opres
nega
elem
liber
Do p
Abril
para
finda
pesa
a cre
país
frate
hum
reco
com
Freg
traba
com
os lu
ao f
ene
pod
fact
pert
sind
pel
part

TARCÍSIO ALVES FERREIRA

Da minha participação, antes do 25 de Abril, tenho como mais importante o facto de ter integrado em 1971 a lista de oposição às eleições do Sindicato Têxtil, composta por operários de diversas empresas do concelho de Famalicão. Importante, porque foi na altura um acto de grande coragem dos trabalhadores a afrontarem o regime da ditadura e os grandes patrões da têxtil. Importante ainda, porque representou por parte dos operários envolvidos na lista uma atitude solidária contra a exploração de que eram vítimas os trabalhadores, com o comprometimento de dirigentes sindicais que estavam ao serviço dos patrões. Recordo que a nossa proposta de um contrato de trabalho contemplava já na altura a igualdade de salário para as mulheres e a semana de 40 horas de trabalho. Recordo também que a nossa lista foi impedida de disputar as eleições, o que não pode ser ignorado pelos trabalhadores de hoje, porque tal facto marca a diferença entre um regime democrático, mesmo com falhas

enormes como é o nosso, e um regime opressor que nega as mais elementares liberdades. Do pós-25 de Abril, que foi para mim o findar de pesadelos e a crença num país mais fraterno e humano,

recordo o facto de ter pertencido à comissão administrativa da Junta de Freguesia de Riba de Ave e o trabalho apaixonante da criação das comissões de moradores em todos os lugares da freguesia, onde assisti ao florescer de capacidades e energias que só o trabalho colectivo pode oferecer. Recordo, também, o facto não menos gratificante de ter pertencido à primeira direcção do sindicato têxtil eleita livremente pelos associados e o de ter feito parte da comissão negociadora do



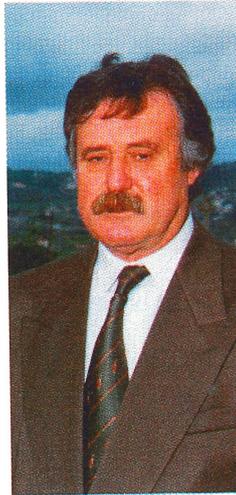
contrato vertical para o sector, que nos custou inúmeras mas reconfortantes horas de trabalho, a demonstrar que vale a pena lutar pelas causas justas.

CARLOS COSTA

Riba de Ave é, desde há muitos anos, um meio operário devido à sua indústria têxtil. Talvez seja essa origem de classe que fez os seus filhos democratas e antifascistas. Nasci aqui e como tal fui mais um militante activo, no movimento democrático, contra o regime fascista que nos amordaçou cerca de 50 anos. Foi uma luta difícil travada com outros ribadavenses, anos duros em que alguns de nós passaram por situações difíceis, quer no âmbito familiar, quer na sociedade, mas luta que valeu a pena fazer.

A minha participação, antes do 25 de Abril - posso afirmá-lo com orgulho - foi na vanguarda da luta contra o fascismo. Não disponho de espaço para historiar as acções em que participei, que foram muitas. Em Famalicão, Braga, Guimarães, Porto e no Congresso de Aveiro. Localmente, em várias manifestações e tarefas da oposição democrática. Tendo sido várias vezes ameaçado pela PIDE, nunca abandonei a luta, que se tornou num dever da consciência operária que tinha. Penso, sem falsa modéstia, que com o punhado de ribadavenses empenhados nessas lutas políticas, contribuimos para o derrube do fascismo, da guerra colonial e da repressão e discriminação e ajudámos a criar a liberdade e a democracia, e que por tudo isso o 25 de Abril valeu a pena - 25 de Abril que se deve a todos os homens e mulheres que com o risco das próprias vidas, lutaram por um País mais humano e mais livre.

Viva a Liberdade, viva o 25 de Abril.



ADELINO MOTA

Quando há vinte e quatro anos se deu o 25 de Abril era eu um jovem que começava a despertar para a política. Particpei em reuniões clandestinas feitas à beira rio para fugir ao inimigo fascista e comecei nessa altura a

participar também na actividade sindical, de que recordo uma paralisação simbólica que os trabalhadores do terceiro turno da "Filda" fizeram para reivindicar melhores salários. Recordo também um plenário de trabalhadores realizado no Sindicato Têxtil de Delães, com muitas dezenas de trabalhadores, em que tive uma participação activa, plenário convocado para exigir da direcção fascista do sindicato que reivindicasse dos patrões aumentos salariais. Tive conhecimento do "25 de Abril" logo pela manhã, quando saía do trabalho da noite e senti uma enorme alegria, pois logo vi naquela acção do Movimento dos Capitães a queda do regime de opressão e miséria em que vivíamos. Os dias que se seguiram à revolução foram de grande agitação e o começar da preparação do 1º de Maio, que se realizou em Riba de Ave e que juntou milhares de trabalhadores, numa prova de força e unidade e de grande adesão aos ideais da liberdade. Também logo de seguida, iniciou-se na empresa onde trabalhava a elaboração de um caderno reivindicativo e que acabaria por levar os trabalhadores à greve, a qual foi primeira na região do vale do Ave. Jamais esquecerei o dia 14 de Maio, pela firmeza e unidade demonstradas pelos trabalhadores da "Filda", que obrigou a intervenção do MFA, que fazendo deslocar à empresa uma delegação, contribuiu para a resolução do conflito a contento dos operários. A partir daí foi o continuar de uma actividade revolucionária que o 25 de Abril me permitiu fazer em liberdade; foram até hoje vinte e quatro anos de alegrias e algumas frustrações, sem me arrepender de ter escolhido este caminho.

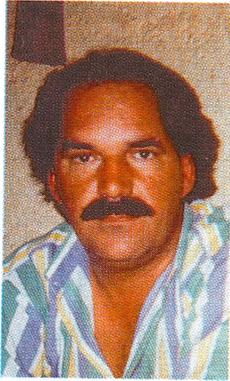
Hoje verifico que muitos daqueles que foram meus "professores" e até



companheiros de luta, se renderam ao capital e hoje são homens de poder ou seus obedientes promotores de uma política que me “ensinaram” a combater e contra a qual o 25 de Abril se deu. No entanto e mesmo com todos esses contratempos e com os ideais de Abril traídos por aqueles que dizem defendê-los, acredito que ainda vale a pena lutar por aquilo em que sempre acreditei, uma sociedade livre de opressão do homem pelo homem.

JOSÉ DUARTE

Não posso considerar que tive uma participação activa na luta contra a ditadura fascista. Iniciei os primeiros contactos mais ou menos em meados de 1972. Recordo-me que o primeiro livro que li foi “As Citações de Mao”. Daí em diante, fui-me integrando nos movimentos que iam acontecendo, desde reuniões restritas até à distribuição de um panfleto que denunciava o assassinio de um estudante pela PIDE. O “25 de Abril” colhe-me nessa fase de integração. É claro que com a consciência política de antifascista que já tinha adquirido, tomei conhecimento da revolução com enorme alegria e alguma comoção à mistura. A primeira reacção que tive foi a de já não ter de ir para a guerra, essa coisa estúpida da guerra colonial, que era a maior preocupação dos jovens daquele tempo, e que me fazia pensar em fugir para não ter de participar nela, essa guerra que como um dia escreveu José Mário Branco: “a nossa guerra não é esta, a nossa guerra é outra...é...”. Permitam que diga que imediatamente a seguir ao “25 de Abril” seguiu-se uma luta intensa pela afirmação de ideologias, e para que fique para a história política desta comunidade diria que, embora esteja distante mais da forma do que do conteúdo, fui o grande responsável pela criação do núcleo da UDP nesta terra. De toda a forma, hoje tal como ontem, 25 de Abril sempre!



LUÍS CUNHA

Correspondendo ao convite para colaborar, com um testemunho vivencial, num trabalho jornalístico sobre o “25 de Abril” em Riba de Ave, eis o que se me oferece dizer da forma mais sucinta possível, conforme me foi solicitado. Nos anos que precederam o 25 de Abril de 1974, Riba de Ave tornara-se, a nível do Distrito de Braga, uma região em que se criara um forte sentimento político de oposição à ditadura fascista.



Esse sentimento conseguiu aglutinar sectores das mais variadas proveniências e idades, operários, trabalhadores dos serviços, estudantes, que tornaram Riba de Ave um dos alvos da vigilância da polícia política do fascismo (PIDE), mas também um “caldeirão” onde fervilhavam diversos movimentos de esquerda. Das muitas iniciativas que o movimento de oposição ao fascismo levou a cabo, destaco a participação nas eleições de 1969, a criação da “Cooprave”, a Exposição itinerante das obras de Alves Redol, e a passagem clandestina de filmes, como o “Couraçado Potemkine”. Mas foi, sem dúvida nenhuma, a ocupação de Riba de Ave por forças da GNR, aquando do convite ao Zeca Afonso, aquela que assumiu aspectos de maior espectacularidade, com uma terra completamente sitiada, perante o espanto de uma população que se perguntava porquê tanto aparato quando só queriam ouvir um cantor. Neste contexto de luta política viva, recordo o aparecimento na minha terra e frequentando depois, assiduamente, a casa dos meus pais, de um estudante de Letras brilhante, culto, na altura muito combativo e com um enorme conhecimento sobre o movimento operário, do qual foi, aliás, um grande teorizador: o José Pacheco Pereira, o PP, como era conhecido então. Tendo participado na maior parte das realizações atrás referidas e

outras, e tendo até desempenhado um papel importante na preparação de algumas delas, o PP conseguiu grangear a nossa admiração, tendo-se tornado o mentor ideológico para muitos de nós.

Foi assim que, poucos meses antes do 25 de Abril, o Pacheco Pereira conseguiu recrutar-me para a sua organização, o PCP(m-l). Após o 25 de Abril, um dos acontecimentos mais marcantes, para mim, foi o 1º de Maio de 1974. A actividade política era intensa, nessa altura. Várias organizações tinham aparecido à luz do dia e, debaixo das suas bandeiras, agrupavam-se as pessoas, não só de Riba de Ave, como das freguesias vizinhas. Todas se apresentaram para o desfile do 1º de Maio, com os seus aderentes e simpatizantes. As “palavras de ordem” eram variadas e desencontradas, muitas vezes antagónicas, desde “Viva o Spínola”, até “Morra o Spínola”; “Nem mais um soldado para as colónias”, “Morte ao Fascismo”. Debaixo dos pendões e das bandeiras de todas as cores, uma mole imensa de pessoas partiu da Ponte de Riba de Ave em direcção a Delães, onde decorreu um comício frente às instalações do Sindicato Têxtil. Participei nesse comício e, quando da varanda do Sindicato, usando da palavra, contemplava os milhares de pessoas que se perdiam ao longe, nas curvas da estrada, acreditava que a revolução triunfaria e que o futuro era já amanhã!

PUB.

 Outra Visão do Mundo

JORGE OCULISTA

LENTE DE CONTACTO
CONSULTA E ÓCULOS NO MESMO DIA

Porto - Barcelos - Fafe - Guimarães - Juazeiro - Vila Verde -
Santo Tirso - Tâmega - Trás-os-Montes - Vila das Aves - Viana